

## EXPANDIDO

### O QUE A ARTE DO SÉCULO XIX CONTA PARA CRIANÇAS E PROFESSORES: NARRATIVAS NO MUSEU

(Modalidade de trabalho: Pôster)

#### 1. Objeto

Segundo recomendações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2015), faz parte das funções do museu disseminar o conhecimento de suas coleções. No caso do museu de arte, comumente é um lugar visto como inacessível, onde seus visitantes se sentem excluídos deste espaço historicamente elitista. O que dizer então a respeito de crianças, que segundo pesquisa de Carvalho (2005) se configura como o mais indesejado dos visitantes do museu? Suas brincadeiras, suas linguagens, suas múltiplas formas de experimentar o mundo não se encaixam nos procedimentos rotineiros de uma visita. O trabalho aqui apresentado – fruto da pesquisa de mestrado em andamento, que versa sobre o encontro de crianças e professores de Educação Infantil com a arte brasileira do século XIX no museu –, toma por objeto o diálogo do museu com professores e crianças da Educação Infantil, buscando captar suas narrativas a respeito do acervo para projetar práticas pedagógicas que ampliem experiências estéticas e, quiçá, diminuam as distâncias entre museu e escola.

#### 2. Objetivos

A pesquisa tem como objetivo principal conhecer narrativas de crianças e professores sobre as obras de arte brasileira do século XIX, no espaço de um museu, identificando quais obras falam mais a crianças e professores. Como uma obra de arte deste período, parte da iconografia de uma história gloriosa criada para o Brasil, poderia chamar a atenção de crianças do século XXI, com todo apelo visual e tecnológico de que compartilham? O que poderiam expressar sobre algo e num lugar que não foi feito para elas? E o professor, o que pensa sobre as obras do século XIX? Como é possível abrir-se para inúmeras interpretações se o que estão em jogo são obras de arte sacralizadas pelo museu, que parecem não permitir nenhuma outra leitura a não ser a dos “especialistas”?

Se o que os Setores Educativos buscam é que o visitante passe por uma experiência dentro do museu, que seja de alguma forma tocado, é preciso compreender que

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (LARROSA, 2016, p.17).

Assim, trabalhar com as narrativas das crianças e de professores em um museu pode favorecer que aconteça a experiência. Além disso, considerando que a língua pode ser tanto um

dispositivo de pertinência como de exclusão e repúdio, este pode ajudar a “buscar uma língua que não rebaixe, que não diminua, que não construa posições de alto e baixo, de superior e inferior, de grande e pequeno” (LARROSA, 2016, p. 71), nas mediações, material educativo, exposições e demais ações pedagógicas do Setor de Educação de um museu, a fim de democratizar o conhecimento do acervo, possibilitando inclusive a apropriação do espaço museal e a construção de significados e experiências.

### 3. Metodologia

Participam da pesquisa de campo professores e crianças (de 4 e 5 anos) da educação infantil. A produção de dados será efetivada no âmbito de visitas realizadas a um museu, no setor que abriga obras de arte brasileira do século XIX. Das visitas, serão gravadas narrativas das crianças, e das professoras, em momentos distintos de fruição e especialmente planejados. Busca-se, nas narrativas: identificar quais obras de arte capturam a atenção das crianças e professoras, observando o que falam, e como falam, de tais obras; discutir se há proximidades e/ou discrepâncias entre as narrativas de adultos e crianças produzidas.

O trabalho com as narrativas inspira-se nas ideias de Walter Benjamin (1994), na pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011, entre outros), e na pesquisa com crianças, reconhecendo que são agentes ativos e construtores de suas próprias culturas (MÜLLER e CARVALHO, 2005; CRUZ, 2008, entre outros), define os pressupostos teóricos-metodológicos adotados.

No tratamento do conteúdo das narrativas, enquanto dados de pesquisa, os princípios estéticos e pedagógicos presentes na abordagem reggiana à Educação Infantil (EDWARDS et. al., 1999) e as ideias da artista-educadora Anna Marie Holm (2005) apoiam a discussão sobre as linguagens da infância e a necessidade de escuta da criança. Quanto ao professor, considerado interlocutor privilegiado, cujo papel é, também, “permitir a circulação de diferentes significados, de socialização dos bens culturais produzidos pela humanidade” (OSTETTO, 2011, p. 06), o foco recai sobre o cultivo do olhar sensível.

### 4. Resultados parciais

Os desdobramentos da investigação apontam para a discussão de possibilidades pedagógicas relacionadas à visita de crianças a museus de arte, sobretudo com acervos do século XIX. Procura discutir a relação das crianças com os museus, pois segundo Maria Isabel Leite (2010) ainda hoje elas são tratadas como espectadoras. Se a criança é um sujeito histórico, social e cultural, faz parte da História, transforma-a e é por ela transformada (BRASIL, 2009), a visita ao museu deveria estimular o diálogo, acolhendo o modo particular que a criança tem de ser e estar no mundo.